Revista Aspas
ppgac - USP

DOI: 10.11606/issn.2238-3999.v11i1p2-7

Editorial

HISTÓRIAS DAS ARTES CÊNICAS NO BRASIL: narrativas em descentralização, trajetórias plurais

Editorial

Fabricio Goulart Moser
João Bernardo Fernandes Caldeira
Juliana de Lima Birchal
Mileni Vanalli Roéfero

A difusão dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Artes Cênicas nos diversos Estados que compõem as regiões geográficas do Brasil, no início do século XXI, fortaleceu o campo dos estudos da cena brasileira, provocou em seus contornos conceituais, temporais e espaciais uma série de descentralizações e fez emergir um movimento teórico pluralizado de releituras da sua história no país. Desde o século XX, o teatro, o circo, a dança e a performance se tornaram no Brasil objetos de estudos históricos localizados, cada vez mais pesquisadores seguem trabalhando em diferentes pontos do país sobre os registros e documentos de tais práticas no passado e escrevem narrativas conectadas sobre os diversos caminhos percorridos pelas produções artísticas brasileiras. Para multiplicar olhares descentralizados sobre o tema e expandir a compreensão da história das Artes Cênicas no Brasil é urgente desconstruir hierarquizações e generalizações arraigadas à sua historiografia, como aquelas assentadas sobre gêneros teatrais e áreas temáticas ou as que permanecem ignorando aspectos territoriais e apagando, neste contexto, a produção de grupo étnicos e das identidades de gênero.

Diante deste cenário continuado de expansão da pesquisa acadêmica sobre a trajetória das Artes Cênicas no Brasil, em 2021, a *Revista Aspas* decidiu contribuir com esses movimentos teóricos de revisão publicando dois números sobre o tema. Com o título "Histórias das Artes Cênicas no Brasil: narrativas em descentralização, trajetórias plurais", o corpo editorial recebeu investigações dedicadas ao teatro, circo, dança e performance que materializam narrativas originais e produzem visões múltiplas e diversificadas sobre o passado da cena em todo o território brasileiro. Os artigos reunidos sobre esse prisma analisam fenômenos e eventos que descentralizam a historiografia da cena brasileira, desconstroem posições verticais de poder e, desse modo, produzem conexões mais horizontais e produtivas entre a cena, seus agentes e protagonistas em diferentes espaços e tempos históricos espalhados por todo o território do país.

O grupo de artigos reunidos pela *Revista Aspas* com este propósito foi organizado em dois grupos que, conjuntamente, esboçam uma cartografia das Histórias das Artes Cênicas no Brasil: um mapa em perspectiva

descentralizada dos últimos duzentos anos da cena brasileira que aborda a produção de diferentes linguagens em pontos estratégicos localizados dentro das cinco regiões brasileiras. O número de textos reunidos nesta perspectiva, investigações predominantemente sobre o teatro e em menor número sobre o circo, a performance e a dança, foi disposto em cada edição sob uma perspectiva cronológica, uma estratégia editorial adotada para considerar de uma maneira horizontal, diversa e plural as posições das linguagens da cena. Desse modo, no plano geral dos dois números se tornou possível vislumbrar o convívio não só de diferentes práticas, mas também de diferentes temporalidades e territorialidades na cena brasileira.

Nesta primeira edição de 2021, a *Revista Aspas* apresenta uma série de textos que conectam temas, personagens e eventos da cena teatral brasileira nos séculos XIX e XX, percorrendo a sua produção em diferentes e importantes cidades do país, como Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre, Santa Maria, Manaus, São Paulo e Brasília. A visualidade da cena nas mágicas cariocas, a escandalosa recepção das operetas pelo público recifense e o processo de estabelecimento de um importante circo para a sociedade porto-alegrense dos oitocentos introduzem experiências sobre a trajetória das Artes Cênicas no Brasil dos novecentos. Há também artigos que destacam a produção teatral amadora, universitária e de vanguarda santa-mariense e manauara em sua produtiva e complexa relação com a política no país, e passam pela elaboração de um importante inventário para pesquisa bibliográfica sobre o teatro brasiliense e pelo estabelecimento da performance enquanto linguagem na cena paulistana e no centro-sul do país.

Em “Histórias apagadas do teatro no Brasil: o caso das mágicas na cidade do Rio de Janeiro”, Ana Paula Brasil Guedes compartilha parte da sua pesquisa de doutorado, defendida em 2019 na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro sob o título “Truques e traquitanas: a mágica no Rio de Janeiro, um carnaval de luzes e formas animadas”. No texto a autora introduz reflexões sobre o apagamento dos gêneros híbridos da História das Artes Cênicas no país e nos convida a observar a Mágica como gênero dramático-musical complexo, alegórico, de forte impacto visual que, embora

tenha obtido sucesso nos séculos XIX e XX, foi considerado menor e se tornou ausente dos debates da historiografia dedicada à cena no Brasil.

Em “Do repúdio à aclamação, e o Recife conheceu a “incoerente” opereta”, Leidson Malan Monteiro de Castro Ferraz reconstrói por meio das fontes históricas a polêmica passagem da primeira companhia de operetas pela capital de Pernambuco em 1867. Em seu texto o autor comenta a repercussão da temporada de apresentações da Bouffes Parisienses nos jornais de Recife, que vão desde a transformação da relação do público com esse novo gênero do teatro cômico musicado até debates sobre o uso da subvenção pública para a atividade, entre outros elementos que permitem compreender historicamente aspectos da recepção, do repertório e da cena teatral brasileira dos oitocentos.

No artigo “Albano Pereira e seu Circo Universal na Porto Alegre Oitocentista”, Lara Rocho retrata o papel do artista e empresário Albano Pereira e de seu Circo Zoológico Universal na capital gaúcha entre os anos de 1875 e 1878. Por meio dos documentos a autora mostra a relevância desta família circense, não só porque empreendeu a construção de um local estável para a apresentações e para o exercício do lazer e do divertimento da sociedade porto-alegrense da segunda metade do século XIX, que vivia em um contexto provinciano de escassez e precariedade de espaços para a realização de tais atividades, mas também pela qualidade de seus espetáculos circenses.

No artigo “Ventos do norte: notas sobre as vanguardas artísticas de Manaus (1950-1970)”, Howardinne Queiroz Leão compartilha um recorte de sua pesquisa de mestrado sobre as práticas teatrais do Amazonas, especialmente da capital do Estado, defendida em 2020 na Universidade de São Paulo. Balizada pelo recorte das décadas de 1950 a 1970, a autora discorre sobre o histórico dos artistas e grupos teatrais em atividade na cidade de Manaus, sobre a forma como eles associaram suas práticas artísticas de vanguarda às pautas políticas, e menciona, com base em pensadores da cena brasileira e nortista, a trajetória de personagens significativos para a constituição do teatro moderno na capital do Amazonas.

No artigo “Bibliografia sobre teatro no Distrito Federal do Brasil (1960-2021)”, Elizângela Carrijo apresenta um inventário de obras e autores sobre as histórias e as memórias do teatro em Brasília e no Distrito Federal em um período compreendido entre 1960, data da inauguração da capital do Brasil, e 2021, ano de finalização da sua pesquisa de doutorado. Neste texto, a autora comenta uma série de 26 trabalhos acadêmicos e não acadêmicos, que tratam do teatro produzido na capital do Brasil e servem como um guia para o desenvolvimento de pesquisas interessadas pela cena teatral local, regional e nacional.

Em “Tui Conta Zumbi: a montagem de *Arena Conta Zumbi* pelo Teatro Universitário Independente de Santa Maria (1968)”, Atílio Alencar de Moura Corrêa e Fabiana Siqueira Fontana apresentam um momento fundamental da trajetória deste importante e duradouro grupo de teatro do Rio Grande do Sul, que culminou na sua participação no I Festival Latinoamericano de Teatro Universitário de Manizales, na Colômbia. Neste contexto os autores abordam o teatro santa-mariense do período e os impactos da ditadura militar e do surgimento da Universidade Federal de Santa Maria nos anos de 1960 sobre a produção amadora e estudantil, fatos decisivos para o TUI e a montagem de *Arena Conta Zumbi*.

No artigo “Samb(art)istas e suas danças nos 30 anos de sambódromo do Anhembi: Thereza Santos”, Yaskara Donizeti Manzini discorre sobre a história das danças negras paulistanas a partir de uma análise dos desfiles carnavalescos ocorridos na cidade de São Paulo. Sob uma perspectiva histórica a autora apresenta a sambartista carioca Thereza Santos, sua trajetória e a sua atuação em diferentes Escolas de Samba paulistas durante a década de 1990, como a Camisa Verde e Branco e a X-9 Paulistana.

Por fim, em “Arte da performance no Brasil: uma história em que acreditamos antes de que exista”, Ludmila Castanheira propõe um olhar para o estabelecimento da arte performativa brasileira, identificando na segunda metade do século XX manifestações anteriores à definição da nomenclatura. Além disso a autora aborda algumas iniciativas que contribuíram para a inserção da performance no universo artístico nacional, escapando de certa

forma do eixo territorial que normalmente concentra as pesquisas sobre o tema e destacando ações performativas do centro-sul do país.

Esperamos, com estas duas edições, contribuir com a expansão do campo das Histórias das Artes Cênicas no Brasil, produzindo registros em que o teatro, mas também o circo, a dança e a performance sejam representados de maneira plural e descentralizada.